

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho

**Estudo sobre a saúde e o adoecimento mental no exercício da docência
na rede pública municipal**

Juliana Cristina Assunção Dos Santos

Belo horizonte

Março de 2012

Juliana Cristina Assunção Dos Santos

**Estudo sobre a saúde e o adoecimento mental no exercício da docência
na rede pública municipal**

Monografia apresentada ao curso de Pós
graduação Latu Senso em Psicologia do
Trabalho pela Universidade Federal de Minas
Gerais, como quesito parcial para obtenção
do título de Especialista.

Orientadora: Ana Amélia Cypreste Faria

Belo horizonte

Março de 2012

Agradecimentos

Agradeço aos grandes pensadores, pela sabedoria que me proporciona insaciável desejo pelo conhecimento. Agradeço também a minha orientadora Ana Amélia, pela dedicação.

Geração Coca Cola

*“... Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-cola...”*

(Legião Urbana)

Resumo

No presente trabalho, a pesquisadora aborda a situação atual de professores que vêm se afastando do seu contexto profissional, devido ao esgotamento e ao adoecimento mental em uma escola Municipal de Belo Horizonte. Buscou-se analisar em uma comparação feita através de pesquisa qualitativa, (como entrevistas em profundidade, observações e Instrução ao Sósia), quatro professores dessa mesma escola; dois deles atualmente afastados do cargo e diagnosticados com depressão e os outros dois desempenhando seu cargo em estado normal de saúde. Estas questões serão analisadas através das obras *Os Sentidos do trabalho* (2009) de Ricardo Antunes e *Trabalho e Poder de Agir* (2010) de Yves Clot.

Palavras chaves: Trabalho, adoecimento mental, atividade impedida, subjetividade.

Abstract

In this study the researcher discusses the current status of the teachers who deviate from their professional context due to exhaustion and mental illness in a school hall of Belo Horizonte .It tried to analyze in a comparison made by qualitative research, as in-depth interviews, observations and Instruction to double, four teachers of that school, two of them actually removed from office and diagnosed with depression and the other two doing their job in normal health. These issues will be examined through the achievements *The Senses of Job* (200) Ricardo Antunes and *Work and Power Act* (2010) Yves Clot.

Keywords: work, mental illness, activity prevented, subjectivity.

Sumário

1	Introdução	7
2	Objetivos	8
2.1	Objetivo Geral	8
2.2	Objetivo Específico	8
3	Metodologia.....	9
4	A Escola Pública no Brasil e as Relações de Trabalho	12
5	As Transformações e os Sentidos do Trabalho	17
6	A Subjetividade e o Poder de Agir.....	23
7	Considerações Finais	36
8	Referências Bibliográficas	38

1. Introdução:

Neste estudo será abordado o adoecimento e o não adoecimento mental de quatro professores de uma escola municipal de Belo Horizonte. Através de pesquisas qualitativas procurou-se investigar as variadas relações, interpretações e subjetivações que cada profissional da educação tem com o seu trabalho, o ambiente em que desempenha suas atividades, as atividades desenvolvidas diariamente, suas estratégias de ensino, suas expectativas em relação ao trabalho, a forma como reagem a cada estímulo aversivo dentro deste contexto profissional. Enfim, buscou-se analisar aquilo que traz prazer e aquilo que frustra e a forma de lidar com cada situação e ressignificá-la.

O primeiro capítulo, *As Transformações e os Sentidos do Trabalho*, mostra a trajetória e os sentidos que vem atribuídos ao trabalho na sociedade contemporânea. Para o seu desenvolvimento foi utilizada a obra de Ricardo Antunes *Os Sentidos do Trabalho* (2009), mostrando a classe-que-vive-do-trabalho, uma versão atual do conceito de Marx de classe trabalhadora. Também foi abordada a sociedade do consumo, em que há uma materialidade adversa aos trabalhadores, que inibe e constrange o desenvolvimento de uma subjetividade autêntica. Relacionando-se com a o tema, este capítulo descreve alguns conceitos e pensamentos, coletados através de uma entrevista em profundidade, dos professores da Escola AC.

Já o segundo capítulo, *A Subjetividade e o Poder de Agir*, aborda a relação dos professores da escola AC com seu trabalho, como eles percebem e atribuem sentido a sua profissão, como agem, como desenvolvem e reinventam suas atividades diárias, descritas através da entrevista em profundidade, as observações e a Instrução ao Sósia feitas a estes professores. Para a confecção deste capítulo foi utilizado a obra de Yves Clot; *Trabalho e Poder de Agir* (2010). Clot fala sobre o poder de agir e a atividade interrompida, a ausência da postura simbólica que gera experiências penosas, pois o sujeito é um núcleo de contradições vitais que ele procura dar uma significação. Fala sobre o trabalho como processo de humanização do homem e que se manifesta como fracasso na doença mental.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

- Analisar os fatores de saúde e adoecimento mental de docentes da rede municipal de Belo Horizonte, traçando um contraponto entre aqueles que podem levar ao adoecimento e aqueles que facilitam a saúde, visando melhor compreensão dos aspectos psicossociais relacionados a este trabalho.

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer o contexto atual da área de atuação do professor de escola pública.
- Verificar através dos dados coletados e das observações, como o professor desenvolve suas atividades e técnicas profissionais diárias.

3. Metodologia

O presente estudo foi realizado em uma escola municipal de Belo Horizonte, cujo nome fictício é AC, não sendo identificada por pedido da coordenação da escola. Há dois anos e meio a escola AC vem sofrendo mudanças constantes de professores devido ao adoecimento mental destes profissionais. A escola AC, preocupada com esse novo quadro, cedeu espaço para pesquisas relacionadas ao adoecimento mental dos professores.

Neste estudo foram realizadas entrevistas em profundidade, observações e Instrução ao Sósia com quatro professores da escola AC. Dois destes professores estão em processo de readaptação funcional¹ devido ao adoecimento mental, diagnosticado depressão; os outros dois professores entrevistados não adoeceram e continuam a desempenhar suas atividades normalmente. Assim, o intuito é a comparação entre esses dois grupos de professores, que tem a mesma profissão, as mesmas responsabilidades para o desenvolvimento de suas atividades diárias em uma mesma escola, mas que possuem reações e percepções diferentes relacionadas ao trabalho.

A entrevista em profundidade foi gravada e depois transcrita para uma melhor análise dos dados. Esta é uma pesquisa qualitativa que faz o uso do questionamento (perguntas e respostas) e de investigações através dos dados fornecidos. Segundo Strauss e Corbin em *Pesquisa Quantitativa – Técnicas e Procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada (2008)*:

Ao falar de análise qualitativa, referimo-nos não a quantificação dos dados qualitativos, mas, sim, ao processo não-matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esse conceitos e relações em um esquema explanatório teórico. Os dados devem consistir de entrevistas e de observações... (STRAUSS e CORBIN, 2008, p. 24).

¹ Troca de função profissional em seu ambiente de trabalho devido a problemas de saúde, como tornar-se inapto para o pleno exercício de atividades específicos de seu cargo ou função.

A pesquisadora teve o cuidado de seguir os critérios usados para a entrevista em profundidade, pois pesquisadores precisam de ferramentas que ajudam na forma de investigar e organizar dados. Strauss e Corbin (2008) falam sobre como formular uma pergunta dentro de uma pesquisa qualitativa: as perguntas devem reunir informações e averiguações (ou investigações). Assim, uma pergunta estimula mais perguntas, em um encadeamento de investigações estendidas. Uma questão importante é a de integrar todas as ideias do entrevistado sobre os dados em uma formulação teórica coerente.

Segundo Baptista e Campos (2007) em *Metodologias de Pesquisa em Ciências*, na entrevista e até mesmo em uma observação realizada, o pesquisador deve compreender que as palavras têm mais a dizer do que geralmente dizem. *Não se trata de adivinhar, ou de criar observações de estudo, mas sim de ver no conteúdo apresentado do pesquisador o que de fato o fenômeno observado apresenta, tornando visível o oculto* (BAPTISTA e CAMPOS, 2007, P. 265).

As Observações a campo foram feitas em salas de aula com duas turmas (turma A e turma B) da escola AC, seguindo os horários de cada um dos quatro professores participantes da pesquisa, quarenta minutos por sala de aula, uma vez por semana durante um mês. A pesquisadora permaneceu do início ao final da aula no canto da sala, pois a visão sobre o professor e os alunos era mais ampla.

Para analisar o conteúdo da entrevista, de observação que seja, o pesquisador, quando for trabalhar com o material coletado para apresentar seus resultados, se baseará na interferência; interferência essa advinda da dedução, da compreensão do significado no qual o pesquisador se debruça para, como que com uma lupa desvendar a fala e as ações ocorridas. (BAPTISTA e CAMPOS, 2007, P.265)

Foi utilizado também o método de Instrução ao Sósia com os quatros professores da escola AC. Estes descreveram suas atividades diárias, com o objetivo de que a pesquisadora fosse por um dia seu sósia, substituindo o profissional em suas atividades sem que ninguém percebesse a troca. Pode-se perceber o contexto subjetivo da descrição do profissional sobre seu trabalho e a observação da real situação do professor desenvolvendo suas atividades.

Sendo assim, essa metodologia ajuda na participação e percepção dos profissionais sobre suas próprias atividades desenvolvidas, já que relatam a seu modo, como atuam em sua profissão, reconstruindo a cada palavra e ação sua maneira de enxergar sua vivência no trabalho. Segundo Yves Clot, em sua obra *Trabalho e Poder de Agir* (2010):

A metodologia está em ação quando os profissionais em questão estão envolvidos pessoalmente em atividades de observação e de interpretação da própria situação. Nesse caso o objetivo é que eles se liberem, tanto quando possível de suas maneiras habituais de pensar e dizer suas atividades. Utilizando outro vocabulário, o profissional deve ter a oportunidade de poder liberar-se de suas reflexões usuais para agir. (CLOT, 2010, p. 37)

Clot (2010), fala sobre a Instrução ao Sósia como uma transformação indireta do trabalho dos sujeitos, o que gera em um novo contexto o deslocamento de suas atividades. *Ao transformar-se em linguagem, as atividades de reorganizam e se modificam* (CLOT, 2010, p. 209).

Contudo, foram utilizadas dentro da pesquisa qualitativa estas três metodologias, para que a pesquisa se enriqueça e contribua para uma melhor análise dos dados que será desenvolvida juntamente com pesquisas bibliográficas.

4. A Escola Pública no Brasil e as relações de trabalho

De acordo com Souza (2006), na segunda metade do século XIX ocorreu o fenômeno da escolarização em massa, em que vários países, desenvolvidos e subdesenvolvidos, tiveram grande aceitação pelas ideias de renovação de ensino que tinham por objetivo organizar o ensino elementar de forma mais racionalizada e padronizada, com intuito de atender um grande número de crianças. Assim, apresentaram-se muitos aspectos comuns de abrangência global, entre eles: a obrigação escolar, a responsabilidade estatal pelo ensino público, a secularização do ensino e da moral, a nação e a pátria como princípios norteadores da cultura escolar, a educação popular concebida como um projeto de consolidação de uma nova ordem social.

No Brasil a escola pública foi elevada a condição de redentora da nação e de instrumento de modernização por excelência. Hilsdorf (2005) lembra-nos de que apesar de a escola pública ter como projeto a educação da grande massa, não se tratava de fornecer todo o ensino a toda sociedade, já que esta escola era oferecida nos padrões estereotipados das elites cafeicultoras da época, que visavam normatizar simplesmente os movimentos populares que reivindicavam instrução pública. Segundo Saviani (2006), os grupos escolares constituíram um fenômeno urbano, já que no meio rural ainda predominaram por muito tempo as escolas isoladas. A escola eficiente para a formação e seleção das elites foi o grupo escolar, pois a questão do ensino para as massas populares só esteve presente na reforma paulista de 1920.

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (gratuação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor.
(SOUZA, 2006, p.114)

Apesar de a escola pública brasileira nas primeiras décadas do século XX ter como objetivo a escolarização das camadas populares, só foram integrados aqueles pertencentes aos setores ligados ao trabalho urbano. Deste contingente ficaram fora da instrução pública promovida pelo Estado os pobres, os miseráveis e os negros; setores que por volta de 1920 começam a reivindicar o seu espaço na instituição pública escolar, despertando na elite brasileira a preocupação com a organização do sistema capitalista, que dependia da preparação da massa para o mercado de trabalho.

Na atualidade, os novos desafios impostos pela globalização da economia vêm determinar novas formas de relação na sociedade como um todo: o padrão de comportamento social e econômico. De forma bem direta, Ferreira (2004) em *Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “cultura globalizada”*, descreve as características e as consequências dessa forma de produção:

Resultou em um mundo “sedutor”, “fascinante” e contraditoriamente, atemorizador, excludente, cruel. Resultou de forma extensiva e intensiva, na agudização da riqueza e da pobreza humanas e em todas as suas nefastas consequências: o vazio, a insegurança, o medo, a angústia, o terror, a desrealização, a perda de sentido da vida, a exclusão. (FERREIRA, 2004, p. 1229)

A sociedade se emerge em um novo contexto econômico e sociocultural. Com isso, novos temas passam a compor pauta de discussão, como a pobreza, as questões ambientais e raciais, a segurança coletiva, e a exclusão, mas tendo como “pano de fundo” os objetivos econômicos capitalistas. Dessa forma, as novas relações de trabalho instituem o processo educativo/pedagógico com o objetivo de formar trabalhadores que possam atender as novas demandas impostas pela globalização, adequando-se ao novo plano de reestruturação produtiva. Nesse contexto, a gestão democrática surge como uma opção a necessidade histórica e preconiza a participação enquanto prática política e a organização dos segmentos escolares de forma coletiva, sempre em função do sujeito. O modelo é baseado na gestão; uma gestão voltada não só para o funcionamento da organização, mas para a formação de sujeitos. Vejamos a definição defendida por Ferreira (2004):

Gestão significa tomar decisões, organizar, dirigir as políticas educacionais que se desenvolvem na escola comprometidas com a formação da cidadania (...) é um compromisso de quem toma as decisões – a gestão de quem tem consciência do coletivo- democracia de quem tem responsabilidade de formar seres humanos por meio da educação.
(FERREIRA, 1999, p. 1241)

Os indivíduos e coletivos possuem saberes, assim como faculdades e instrumentos para produzi-los, de acordo com suas dificuldades e potencialidades, para colocar e resolver os problemas de sua organização para a vida. Entretanto, o que hoje se observa é o predomínio dos conhecimentos, saberes e procedimentos produzidos pela ciência e a tecnologia administrativa em detrimento de outros tipos de saberes. Com isso, os tecno-burocratas têm imposto as comunidades seus valores, mais ou menos sutilmente, sem dar-lhes oportunidades para protagonizar a produção de seu saber e a aplicação do mesmo.

Ao contrário, conforme Garcia (1973), o Movimento Instituinte busca propiciar o exercício da autoanálise, no qual as comunidades podem e devem analisar sua realidade e construir os conhecimentos necessários para bem existir, assim como a aplicação dos mesmos, enquanto os “experts” intervêm apenas como catalisadores.

O processo de autoanálise que indivíduos e coletivos empreendem é simultâneo com os dispositivos que são montados para realizar as ações destinadas a obter seus objetivos de subsistência e incremento de sua qualidade de vida e efetuação da sua Utopia Ativa³. O conjunto dessas práticas protagonizadas pelos diretamente interessados denomina-se autogestão.

³ Utopias são conjuntos de desejos, ideias e crenças que os seres humanos constroem e assumem acerca de como deveria estar organizada sua existência, principalmente em seus aspectos e valores éticos, estéticos, políticos e econômicos. As utopias são modos ideais que não existem ainda em lugar algum e cuja realização se acostuma esperar para um futuro distante. Essa Utopia Ativa inclui como aspectos privilegiados a autoanálise e autogestão, ou seja, a Democracia Direta ao mesmo tempo como meio e como fim do processo. (Garcia, 1973)

O papel de catalisador dos processos de autoanálise e autogestão preconizados pelo movimento instituinte pode ser atrelado ao mesmo papel proposto por Paulo Freire ao educador, preconizando uma educação transformadora. Assim como a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para a própria produção ou construção do sujeito.

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 27)

Conforme Freire (1996) é preciso insistir, pois esse saber tem que ser constantemente testemunhado, vivido. Não é apenas falar bonito sobre as razões ontológicas das teorias; o discurso da teoria deve ser exemplo concreto e prático.

O ser humano está em constante transformação, como citado por Freire (1996). O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas somente entre os seres humanos esse inacabamento se tornou consciente. Assim, a experiência humana no mundo muda de qualidade com relação a vida animal. Aos animais falta liberdade de opção, por isso não se fala em ética entre os elefantes.

Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mentes e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser enchido por conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 29)

Assim Freire (1996) fala sobre a invenção da existência que envolve a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos, a possibilidade de embelezar como a de enfeiar o mundo. Enfim, seres humanos capazes de intervir no mundo, de decidir, de escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade. Mas as vezes a falta de conhecimento e de questionamento causa uma sensação de estabilidade. Aceitar o que já está constituído pela cultura é mais cômodo e fantasiosamente mais seguro do que

indagar sobre as origens, a história, a causa e o motivo do por que as coisas acontecem. Assim surgem indivíduos sem escolhas. Portanto só seres que se tornam éticos, podem romper com a ética.

Todas essas transformações levam a um novo modelo, a um novo paradigma de organização da economia e da sociedade: uma economia do saber. É preciso modificar profundamente a postura em relação a educação, para que, talvez, se possam modificar as relações de trabalho.

5. As Transformações e os Sentidos do Trabalho

Em tempos primórdios, o homem em sua condição primitiva, via-se livre de coerção para agir e satisfazer seus instintos agressivos e sexuais, segundo Sigmund Freud em *O futuro de uma ilusão* (1927) e o *Mal-Estar na Civilização* (1930). O que predominava nessa época era a força física, mas o homem foi além, diferenciando-se das outras espécies animais. Tomou consciência de si e teve necessidade de transcendência, ou seja, de ultrapassar os limites do mundo físico, de buscar um elo entre a fugacidade aparente da vida e a eternidade. Buscando assim o conhecimento sobre si e sobre o mundo, um saber constituído através de experiências, e porque não dizer, por intermédio do trabalho.

O trabalho ao longo de sua trajetória vem repleto de significados. Há contextos em que foi interpretado como castigo ou sacrifício, e também já vivenciado como dignidade e sucesso. Em cada momento histórico há uma resignificação para o trabalho. Serão abordadas neste primeiro capítulo, as transformações contemporâneas do trabalho e os sentidos atribuídos a ele, anexando recortes das entrevistas feitas com os professores da escola AC.

Segundo Ricardo Antunes em *Os Sentidos do Trabalho* (2009), existe hoje uma classe trabalhadora, que não é aquela existente em meados do século passado, mas que não perdeu ontologicamente seu sentido estruturante, apesar de todas as suas transformações. É a classe –que – vive – do – trabalho, que inclui todos os que vendem sua força de trabalho em troca de salário.

A expressão “classe-que-vive-do-trabalho” que utilizamos nesta pesquisa tem como primeiro objetivo conferir *validade contemporânea* ao conceito marxiano de classe trabalhadora. Quando tantas formulações vêm afirmando a *perda de validade* analítica da noção de classe, nossa designação pretende *ênfatizar o sentido atual da classe trabalhadora, sua forma de ser*. Portanto, ao contrário dos autores que defendem o fim das classes sociais, o fim da classe trabalhadora, ou até mesmo o fim do trabalho, a expressão *classe-que-vive-do-trabalho* pretende dar contemporaneidade e amplitude ao *ser social* que trabalha. (ANTUNES, 2009, p.101)

No século XXI um novo metabolismo social se fez presente. Segundo Antunes (2009), o sistema do capital tornou-se um sistema de controle onde o valor de uso foi totalmente subordinado ao valor de troca, satisfazendo as necessidades produtivas do próprio capital. O capitalismo focado somente no valor de troca, dominado pela acumulação do capital e pelo lucro, tende a destruir todos os outros valores qualitativos, como valores éticos, relações humanas, sentimentos etc. Assim pode-se perceber que o maior desafio desse novo século é a recuperação societal voltada para uma lógica de atendimentos as necessidades humano - sociais. (...) *procurei mostrar que o sentido dado ao ato laborativo pelo capital é completamente diverso do sentido que a humanidade pode conferir a ele* (ANTUNES, 2009, p. 181).

Conforme Antunes (2009), o mundo do trabalho viveu transformações nas últimas décadas com maior intensidade nos países capitalistas avançados, mas também repercutem nos países de terceiro mundo. Houve uma diminuição da tradicional classe operária. *Efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho, decorrência das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, etc.* (ANTUNES, 2009, p. 205).

O mundo do trabalho vem tomando outras formas e outros sentidos dentro de nossa contemporaneidade, passando a ter uma significação estética, com a finalidade de atender aos objetivos da sociedade do consumo. Antunes (2009) diz que há fetichizações e reitificações que se inserem e poluem o mundo do trabalho, com grandes repercussões na vida fora do trabalho, pois há uma materialidade adversa aos trabalhadores que inibe e constrange o desenvolvimento de uma subjetividade autêntica.

(...) o consumo de mercadorias, materiais ou imateriais, também está em enorme medida estruturado pelo capital. Dos serviços públicos cada vez mais privatizados, até mesmo o turismo, onde o “tempo livre” é instigado a ser gasto no consumo dos shoppings, são enorme as evidências do domínio do capital na vida fora do trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 131)

Em uma nova perspectiva o mundo contemporâneo vivencia o trabalho em um cenário de exigências profissionais cada vez mais acirradas, em busca de um ser humano sem falhas, e por que não dizer, um ser humano perfeito. Dois dos quatro professores entrevistados na escola AC adoeceram. Estes professores falam sobre a pressão da escola, da sociedade e até mesmo de si próprios para desenvolver seu trabalho. O professor M diz que o mundo mudou, mas que essas mudanças não atenderam as demandas da escola. Relata sobre a falta de recursos de um professor em disputa com um método de ensino que não é compatível com a nova geração de alunos, que segundo o professor M, são alunos que não se interessam mais por ensinamentos em sala de aula ditados por um professor, mas querem conhecimentos que os estimulem na vida real, pois o conhecimento atual está banalizado até mesmo por influência da internet. Fala também sobre a cobrança e a desvalorização do profissional hoje. Para o professor M esta desvalorização está relacionada com um contexto de acesso ao conhecimento com muita facilidade. São alunos que segundo este professor, querem tudo no agora, no imediato; veem a escola apenas como um obstáculo a ser cumprido como uma penalidade para terem acesso a um melhor salário no mercado de trabalho. Relata o sofrimento que isso acarreta em sua vida.

As dificuldades são muitas, principalmente e não só o atraso da escola em relação à sociedade moderna. Muitos compreendem que a indisciplina é a principal dificuldade, mas é a falta de uma análise mais profunda e perceber que o mundo mudou e a escola não (...) Alias, falta de investimento. (...) O aluno hoje também não é mais aquele aluno de cerca de vinte a trinta anos quando o professor falava “é hora da chamada” e eles ficavam atentos para responder a chamada, hoje eles já não se importam com isso (...) são tantos estereótipos criados sobre a o professor que realmente a gente pode compreender a situação das pessoas, e a questão do respeito hoje com o professor, ela não representa mais nada (...) Aí entra a questão do estresse. Das pressões, das indisciplinas, das pequenas agressões que vamos sofrendo ao longo do dia e vão se acumulando... (Professor M)

A professora C, que também recebeu o diagnóstico de depressão, relata sobre a falta de valorização do professor atualmente, da falta de vínculo social, da falta de humanização, pois diz: (...) *não querem nem saber, querem*

simplesmente tudo pronto, querem notas boas independente de qualquer coisa, como se fossem máquinas de ensinar e eles de aprender.

A sociedade consumista que valoriza mais o ter do que o ser também afeta a vida profissional dos professores, como relata o professor M:

Os professores de maneira geral são pobres, as vezes em uma manifestação, ou alguma assembleia, ou em praça pública, eu já vi alguém comentar “Mas que povo mais mal vestido” e as vezes não sabe que aquele povo mal vestido que está ali tem suas contas altas para pagar, de água, de luz, de todos esses custos, mais a educação dos filhos, mais alimentação e ninguém percebe isso, as vezes ele está mal vestido, mas está procurando ter uma qualidade de vida que os seus poucos recursos não estão dando. (Professor M)

De acordo com as entrevistas feitas, os professores sentem-se angustiados pela falta de valorização de sua profissão. Sentem falta de um vínculo maior e mais respeitoso com a sociedade, e segundo a professora C, este vínculo seria mais união com os alunos e seus familiares, mais opiniões sobre a demanda dos alunos no contexto contemporâneo, mais planejamentos juntamente com a sociedade para uma construção de uma nova realidade escolar. O professor P e o professor M gostariam que através dessa união com a sociedade, estes pudessem mostrar o valor do professor e sua importância para o crescimento dos alunos. Como relatado pelo professor P, a opinião do outro sobre si mesmo é de essencial importância. *Engraçado como o ser humano depende do outro para tudo, para se sentir orgulhoso de si, precisa que o outro lhe diga isso (...) para tudo o ser humano espera a resposta do outro.* (Professor P). Antunes (2009), fala sobre o homem e sua relação com a natureza através do trabalho. Com essa relação, nasceu e desenvolveu uma inter-relação com os outros seres sociais, tornando a vida através do trabalho uma construção social, criando e recriando suas próprias condições de reprodução. Pode-se perceber a sensação de invisibilidade e de perda da identidade profissional da professora C em seu relato:

Antes o professor, vamos dizer assim, era visto pela sociedade como um profissional importante, ele tinha autoridade e mais do que isso, respeito. Antes os alunos viam o professor como um sábio, os pais dos alunos também, eles acreditavam no professor (...) hoje há uma dificuldade enorme em dar aula, você sofre, grita, pede silêncio, se esforça ao máximo para que o aluno preste atenção em você, as vezes me sinto uma palhaça ali na frente, só ouço risos e brincadeiras, alias palhaça não, porque se eu fosse palhaça pelo menos eles me dariam atenção, pelo menos olhariam para mim, é desgastante entende? Você gasta seu tempo, seu suor, sua vida para não ter retorno! Não faz sentido, não faz. (Professora C)

Os outros dois professores da escola AC não adoeceram e estão inseridos neste mesmo contexto contemporâneo. De acordo com o professor P: *É a maneira de ver as coisas que muda, por isso tento não me prender ao que não é (...) eu tento enxergar que é um momento histórico atual e que talvez o mundo precise disso para mudar.* Ainda de acordo com ele, as mudanças são necessárias para o desenvolvimento de algo novo e com mais conhecimento. E acredita que neste contexto atual, o que está acontecendo são mudanças nas percepções da sociedade, e que talvez com mais união e democracia entre as pessoas juntamente com a escola e seus membros, pode haver planejamento e construções de um ensino melhor que atinja não só as demandas dos alunos da sociedade contemporânea como também a forma de ensino mais preparada e valorizada dos profissionais da educação, que atualmente enfrentam algo novo, mas que se preparam para enfrentar tais mudanças. Segundo Antunes (2009), o trabalho é uma experiência elementar da vida cotidiana, suprindo talvez as carências e as necessidades sociais.

O que me faz feliz, sem dúvida alguma, bem, digamos que é o sucesso dos meus alunos (...) é melhor ainda quando ele te agradece e você percebe que foi importante na formação deste aluno, isso sim me faz muito feliz. Você vê resultados naquilo que você faz, vê que pode contribuir pra o sucesso de uma pessoa (...) o resultado do nosso trabalho é a longo prazo, é quando você vê aquele aluno se esforçando para chegar em seus objetivos, estudando, dando o melhor de si, e saber que você contribuiu para isso. (Professora E)

De acordo com o relato da professora E, o sucesso de seus alunos, ou seja, vê-los formados construindo algo que possa contribuir para a melhoria da sociedade é o que a faz feliz. Ela fala sobre o resultado de seu trabalho com os alunos em longo prazo, e isso segundo a professora E quer dizer que o

conhecimento não é algo concreto que lemos de um livro e aprendemos e pronto. O conhecimento é como uma semente que é plantada em cada aluno e essa semente se cultivada e cuidada pode crescer e dar bons frutos futuros. Esta profissional da educação entende que seu papel social e profissional é plantar em seus alunos essa semente do conhecimento para que através de seu trabalho essa semente cresça saudável e dê frutos que possam contribuir com a melhoria social.

Pode-se perceber que a interação do profissional com seu trabalho constrói um lugar social em que o sujeito se reinventa criando para si aquela identidade. *O ser de cada sociedade surge da totalidade de tais ações e relações* (ANTUNES, 2009, p.167). Em nossa sociedade contemporânea aparecem novos processos de trabalho, novos padrões e novas formas de produtividade, inclusive a busca incessante de enquadrar-se ao máximo dentro de um padrão ditado pela lógica capitalista. Certamente esse contexto vivenciado tem influencia sobre o ser humano, (como os professores da escola AC); todos eles estão inseridos na mesma realidade contemporânea, mas o que podemos perceber é que apesar disso tudo eles não são afetados igualmente em sua subjetividade.

6. A Subjetividade e o Poder de Agir

A escola municipal AC apresenta quatro professores que interpretam e subjetivam suas atividades de maneiras diferenciadas. Este contato com o trabalho faz com que cada um destes sujeitos reinvente sua maneira de atuar e até mesmo de se perceber no trabalho. Segundo Le Guillant (2006) apud Yves Clot em *Trabalho e Poder de Agir* (2010), *Entre a causa e o efeito, há sempre a atividade “dramatizada” de um sujeito* (CLOT, 2010, p.99). Dois destes professores entrevistados relatam uma relação penosa com suas atividades, em que o sujeito já não se reconhece mais dentro daquele contexto. Este já não suporta mais ser o que não é, agonia que interfere não somente em sua vida profissional, mas também em sua vida pessoal.

Eu não suportava mais a ideia de entrar em uma sala de aula. Não dormia, e quando conseguia dormir eu tinha pesadelo com os alunos (...) eu acordava de madrugada ofegante, tomava um copo de água, tentava pensar em outras coisas para dormir novamente, mas me dava uma tristeza tão grande, uma tristeza de saber que não era aquela vida que eu queria para mim, eu imaginei tudo diferente (...) eu nunca imaginei que teria que deixar de ser eu mesma, de ter que engolir coisas absurdas nessa profissão tão desejada, eu não me reconhecia mais. (Professora C)

O professor M tem cinquenta e seis anos de idade, é formado há trinta anos em Letras e leciona a vinte em cinco anos como professor de português. A professora C tem quarenta e sete anos de idade, é formada há vinte e três anos em história e leciona a vinte e dois anos. Ambos estão atualmente afastados da profissão e em processo de readaptação funcional. Eles falam sobre a ausência de sentido no trabalho, a falta sentida por não executar uma função desejada. De acordo com a Professora C, em relatos de sua entrevista: *Era um vazio tão grande, uma vida sem sentido, uma profissão sem sentido, porque eu não estava ali exercendo a função de professora ou educadora (...) estava ali como um ser invisível* (Professora C). Segundo Vygotski apud Clot (2010), tanto para a criança como para o adulto, a sociedade, a cognição e a subjetividade estão ligadas ou desligadas na ação.

Eu procuro sempre fazer um planejamento diário das aulas, o que não quer dizer que vai dar certo (...) e confesso que é frustrante quando você fica horas, às vezes até de madrugada planejando a aula, pensando no que pode fazer de melhor para os alunos, tentando entender o que eles iriam gostar, como passar a matéria de um jeito produtivo que não seja cansativo pra eles e então chegar na sala de aula e tudo aquilo ir por água abaixo, é frustrante ver que nada deu certo, que sua madrugada de fantasias felizes foi em vão, você se sente incapaz. É isso, incapaz, incapaz de exercer sua profissão. (Professora C)

Pode-se perceber com o relato destes professores que a frustração de não poder exercer sua profissão como o esperado gera muita angústia e uma solidão imensa. Durante a entrevista, estes professores relataram também a tristeza que os afeta diante da falta de interesse da maioria dos alunos, que segundo o professor M é pela falta de recursos, investimentos e tecnologias na escola e também pelos estereótipos sociais, em que a mídia dita às regras. Também se sentem frustrados diante da invisibilidade que aparentam ter perante aos alunos, tornando-se alvos da indisciplina, da falta de atenção e da revolta dos alunos. Outro ponto questionado pelos dois professores como fator negativo e que acarreta para um adoecimento é a falta de união entre os profissionais da educação e a falta de esperança que alguns professores têm em relação aos alunos. *Realmente isso acaba gerando uma espécie de mágoa na gente, o professor acaba se tornando solitário e a solidão acaba matando a autoestima do professor* (Professor M). Clot (2010) fala que o ressentimento é uma experiência penosa sofrida em silêncio, tecida com sentimentos contrariados, encarcerados na existência atual. *Os sujeitos são, nesse caso, amputados do seu poder de agir sobre o meio profissional por intermédio de sua própria história* (CLOT, 2010, p.72).

A situação física atual da escola AC gera indignação nos professores, que relatam que essa situação é um fator que pode contribuir para a falta de interesse dos alunos em estar naquele ambiente. Além da estrutura física da escola, há vários outros fatores que são citados pelos professores como frustrantes, como o desinteresse dos pais diante da situação escolar dos filhos. *Os pais não se preocupam, querem apenas que os professores passem, deem boas notas aos seus filhos e pronto, não se preocupam em entender o que*

acontece com o filho, não querem nem saber (Professora C). Segundo o professor M:

(...) o educar já é um processo de amor, ele tem que ser começado em casa, e nós percebemos que hoje, sem estar querendo criticar ninguém porque realmente criar filhos é difícil, mas nós temos percebido que os pais estão rifando os filhos, e acaba que esses filhos rifados pelos pais adoecem aqueles que tentam acolhe-los. (Professor M)

Outro ponto destacado nas entrevistas como dificuldades atuais do trabalho do professor são as agressões, físicas ou verbais, sofridas em sala de aula. *Você fica horrorizado com a atitude de alguns alunos com os professores, das palavras ditas sem pensar, que ferem, e do modo como o professor é tratado* (Professora C). O professor M fala sobre o Bullying¹; ele relata sobre sua angústia perante esta situação que abrange proteção somente aos alunos e muitas vezes são os próprios professores que sofrem essas ameaças. Demonstra indignação diante da intolerância dos alunos com as pessoas que são diferentes do seu contexto, como pessoas mais velhas ou com um estilo diferente. *Isso tem levado a uma série de atitudes de indisciplina que também acabam corrompendo a relação ensino/aprendizagem* (Professor M). Relata também que se a pesquisadora fosse seu sócia por um dia, deveria acordar mais cedo e escolher a roupa certa para que os alunos não rissem e não fizessem disso um motivo de chacota, o que fere a autoestima do professor.

¹termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo.

Hoje existem leis para os casos de Bullying dentro da escola, mas ninguém percebe, ou muitos não percebem que o professor também é vítima de bullying. Ele costuma ser vítima de bullying pela sua maneira de falar, ou mesmo pela maneira de vestir, ou sua maneira de postura física mesmo, então constantemente o professor sofre isso. A gente percebe que os estudantes hoje são muito intolerantes com qualquer pessoa que aparente ter trinta anos a mais que eles, professores mais jovens normalmente são mais bem aceitos, eu tenho percebido isso. (...) intolerância com a diferença, com a diferença de idade, diferença cultural, diferença em tudo. Como professor eu acho que a escola tem que realmente oferecer o diferente porque o vulgar os alunos já estão vendo todos os dias. Mas parece que não há aceitação quando você vai oferecer alguma outra coisa diferente do que eles estão acostumados, por exemplo, "isso é careta" e aí de repente você vê o aluno cantando "créu" alguma coisa assim, pelos corredores da escola e isso é bonito para eles. (Professor M)

Vygotski apud Clot (2010), diz que a interiorização não se faz certamente do exterior para o interior, mas trata-se de uma recriação do exterior pelo interior. A indeterminação dos futuros conflitos na vida social atravessa e circula a atividade pessoal. Assim, quem trabalha não cessa, quando não é impedido de agir.

Para Vygotsky – e esse, talvez, seja o aspecto mais desconhecido de sua obra-, o fracasso desse movimento é indicado pela doença psíquica sob suas diversas formas. Na doença a experiência vivida deixa de ser o meio de viver outras experiências. Encarcerada, sedentária e desligada, a atividade imposta se torna *intransformável*. O sujeito já não dispõe de sua atividade, mas está a sua disposição. (CLOT, 2010, p.62)

O professor M, em sua entrevista, fala sobre o seu adoecimento, sobre as tentativas de exercer seu trabalho e as frustrações de não conseguir realizá-lo. Diz que já utilizou várias técnicas para que os alunos se interessassem pelas aulas, mas acabou se vendo solitário nessa tentativa, angustiado com os resultados, não sabendo mais como agir. Sentia-se um prisioneiro de suas próprias ações. *Foi justamente isso que me adoeceu, porque de tudo só tem faltado o professor plantar bananeira em cima da mesa* (Professor M). Com isso demonstra uma insatisfação pela ambivalência da impossibilidade de atuar como professor e o seu amor pela sua profissão: *Eu acredito que eu tenha já sentido essa vocação pelo magistério desde a infância (...). Ser professor para mim é quase uma missão* (Professor M). Sua visão sobre ser professor é de transmitir conhecimento para as pessoas, é poder ser um mediador entre o

conhecimento e o aluno para que ele possa crescer. Relata que isso é o que o faz feliz em sua profissão, mas que não é o que vem acontecendo ultimamente. Além de todas essas questões, o professor M também fala sobre o baixo salário dos professores e sobre sua carga horária exacerbada de trabalho para que dê conta de sobreviver. Relata que já teve que trabalhar três turnos seguidos para dar conta de manter sua família.

Estou em reajustamento funcional nas duas redes, isso porque houve um enfraquecimento muito maior meu após uma taquicardia que me acometeu no final de julho do ano passado. As vésperas de voltar para a escola eu comecei a me sentir mal e fui percebendo que era por causa disto. Primeiro eu tive a análise do cardiologista, depois do psiquiatra que disse que o problema maior era meu emocional mesmo (...) e realmente eu comecei a me sentir mal foi pensando na escola. Aquilo foi me desesperando. (Professor M)

Nas observações feitas durante as aulas do professor M, os alunos faziam muito barulho. Alguns nem perceberam a presença do professor, outros simplesmente o ignoraram. O professor M pede silêncio várias vezes durante a aula, chega a ficar nervoso e a bater livros nas carteiras dos alunos para que eles prestem atenção e a maioria apenas ri. Para os poucos que prestam atenção é que o professor M tentar passar a matéria, depois de várias tentativas frustradas com os demais alunos.

Para a professora C, sua profissão sempre foi a conquista de um sonho. Durante a entrevista conta que desde criança desejava ser professora e este sempre foi o seu objetivo. *Ser professor é acreditar na evolução dos alunos, é acreditar que com a sabedoria que você está passando para os alunos possa mudar algo no mundo, modificar algo para melhor* (Professora C). Relata que seu adoecimento está relacionado com o fato de não poder ser o que se é em seu ambiente de trabalho, ou seja, não poder desenvolver seu trabalho de professora como o desejado. É como se fosse interrompida de suas atividades, tentando sempre desenvolvê-las, mas bloqueada por algo. Assim como o professor M, a professora C fala sobre o excesso de trabalho e o baixo salário. Relata também que já sofreu agressões verbais dos alunos e que sua reação diante dessa situação foi calar-se para permanecer em seu emprego, mas que isso a feriu profundamente. A indisciplina, a falta de atenção e o desprezo dos alunos, segundo a professora C, também contribuíram para seu adoecimento.

Sou ser humano também, eu me irrita, não deixo transparecer, esses alunos são muito espertos, uma falha sua, já estão apontando o dedo na sua cara e falando do direito deles! E os nossos? Eles não pensam. Então eu me seguro, me controlo. Diria que cada aula é uma prova de fogo, é como se eu entrasse em uma área de risco sabe? Você não sabe o que pode acontecer, tudo pode acontecer! Seu corpo já vai preparado para a batalha, aquele friozinho na barriga, coração acelerado, às vezes chego a suar frio, o corpo já fica em estado de alerta. Às vezes saio da sala de aula explodindo de dor de cabeça de tanto segurar minha raiva, ou tristeza ou indignação. Você tem que ser outra pessoa o tempo todo, tem que sorrir quando eles zombam de você, tem que sorrir quando eles xingam você, tem que sorrir quando eles fazem uma piada sem graça, tem que sorrir sempre. (Professora C)

Os sintomas físicos, como cansaço, dores forte na cabeça, insônia e falta de apetite começaram a aparecer na professora C, e conseqüentemente veio a tristeza, a angústia e a falta de sentido em sua vida. Ela relata que chegou um momento que era insuportável entrar em uma sala de aula, tendo antes que respirar fundo ir ao banheiro chorar. Fala que as vezes sua pressão ficava baixa e achava que ia desmaiar; esperava alguns minutos e depois ia para a sala de aula frustrada com toda essa situação.

O psiquiatra disse que eu estava com depressão, que o melhor seria eu parar com as aulas. Na verdade eu já suspeitava de estar com depressão. Eu não suportava mais a ideia de entrar em uma sala de aula, eu ficava realmente apavorada de saber que eu tinha que ir dar aula (...) eu estava vivendo um pesadelo, precisava acordar. Você luta tanto para se formar, ter uma profissão, sofre tanto durante esse percurso, então imagina que quando chegar vai ter uma recompensa, pelo menos é assim que a cultura nos ensina e você acaba acreditando, então foi bem frustrante chegar no fim do caminho e não encontrar recompensa nenhuma. Não diria exatamente isso, claro que tem a recompensa, claro que existem alunos ótimos, e são eles que te motivam a estar ali, mas são raros, raríssimos que a maioria acaba te contaminando e você acaba se perdendo (...) Me sentia em uma guerra lutando pela minha sobrevivência. Hoje estou em reajustamento funcional. (Professora C)

Em sala de aula, durante as observações realizadas, a professora C parece sem autoridade com os alunos. Pede silêncio para fazer a chamada e mesmo assim poucos a obedecem. Decide então entregar os resultados das provas aos alunos e pede silêncio para que ela fale em ordem alfabética as notas que já somou do semestre. Alguns alunos infligem sua autoridade e não

respeitam o sistema de ordem alfabética pedido pela professora C. Ela então cede a este pedido dos alunos, pede para que eles se sentem e então começa a falar as notas como ela havia proposto. Os alunos começam a conversar e a fazer muito barulho e assim que a professora C termina de ler as notas, ela passa um exercício no quadro e senta-se em sua mesa mesmo diante da indisciplina.

De acordo com Clot (2010), existem exigências nas atividades que geram conflitos, e quem deseja compreender essas exigências deve confrontar-se com os conflitos. Relata ainda que não há convergência entre atividade realizada e atividade real, pois o real da atividade é igualmente o que não se faz o que se tenta fazer sem ser bem-sucedido. A atividade ocultada ou recusada nem por isso está ausente, mas influi com todo seu peso na atividade presente.

Ora, a existência dos sujeitos é tecida nesses conflitos vitais, que eles procuram reverter em intenções mentais para deles se desprenderem. A atividade é uma provação subjetiva mediante a qual o indivíduo se avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir a realizar o que deve ser feito. As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas, até mesmo as contra-atividades devem ser incluídas na análise.
(CLOT, 2010, p.104)

Pode-se perceber com os relatos do professor M e da professora C e as observações feitas em salas de aula, o bloqueio do poder de agir, uma desrealização profissional, um ressentimento talvez exacerbado pelas suas subjetivações interiorizadas como humilhações e injustiças sofridas na situação presente. Há um mundo subjetivo e coletivo petrificado, paralisado na sua existência atual. Le Guillant apud Clot (2010) diz que *a impossibilidade de transformar sua experiência vivida em meio de viver outra experiência revela-se, então, frequentemente, como desrealizante* (CLOT, 2012, p.72)

Assim, descobrem-se prisioneiros de uma existência vivida, mas “Supérflua” para viver na situação presente, situação para a qual devem, apesar de tudo, dar sua contribuição. Compreende-se, então, que Le Guillant não deixe de sublinhar até que ponto a causalidade psíquica é desconcertante: “O problema mais central e mais difícil de nossa disciplina é a passagem de uma situação vivida, seja ela qual for, para um distúrbio mental” (2006, p.70). (CLOT, 2010, p.73)

Segundo Oddone apud Clot (2010), a ausência, ou ainda a perda da postura simbólica e coletiva da ação individual, está na origem da maioria das experiências penosas suportadas atualmente no mundo do trabalho. Existem estratégias que dizem respeito as relações com a tarefa, as relações com os colegas de trabalho, com a hierarquia, com a organização, entre outras. Assim, se esses recursos se esgotam, a vida psicológica do trabalho se encontra gravemente reduzida.

Quando um coletivo profissional já não consegue executar o trabalho de organização, que é a única maneira de preencher o fosso entre a organização oficial do trabalho e a vida, a desregulação da ação individual nunca está muito longe; além disso, os contragolpes psicológicos dessa anemia simbólica, raramente se fazem esperar. (CLOT, 2010, p. 89)

Os outros dois professores, os que não adoeceram, Professor P, de trinta e um anos de idade, formado em filosofia há sete anos e lecionando a seis anos e a professora E, quarenta e cinco anos de idade, formada em matemática há onze anos e lecionando há 10 anos, desempenham suas atividades sobre outra perspectiva. Estes professores também falam sobre as dificuldades da profissão, não recusam que há um sofrimento dentro do seu contexto profissional, mas relatam que todas as profissões têm seu lado ruim e seu lado bom. De acordo com relatos da professora E: *Digamos que eu não coloco a culpa em mim sabe, eu sei que estou fazendo o melhor que posso, não me sinto uma fracassada (...) acho que o que acontece é exatamente cultural* (Professora C). O professor P diz:

Vou tentar explicar como tento sobreviver e não deixar que a doença me afete em minha profissão, que alias gosto muito. Como disse no começo da entrevista, acho que tudo muda sempre, a percepção das pessoas diante o modo de ver, de perceber o mundo, muda de geração em geração, isso é fato. Cada época da história as pessoas tem um objetivo diferente diante do mesmo assunto ou tema (...) As coisas estão acontecendo . Nós professores estamos passando por uma fase muito difícil, mas isso não quer dizer que seja sempre, não quer dizer que seja estático ou imutável, entende. É apenas uma percepção de vida, uma maneira como as pessoas dessa geração estão vendo nossa profissão (...) a minha parte eu faço, todos os dias em sala de aula, sei da minha competência como professor. (Professor P)

O professor P, conta que escolheu ser professor porque dentro das suas possibilidades de atuação, a maior empregabilidade é na área da educação. Sempre gostou de filosofia e depois de um tempo também gostou da ideia de ser professor, apesar de ouvir somente comentários ruins sobre a profissão. Acha que as pessoas não devem ficar presas a estigmas sociais, devem ser felizes pelo que as fazem felizes, independente da opinião social. Apesar disso, relata que o ser humano é extremamente dependente de outro ser humano, pois é através do outro que sabemos quem somos.

É como se não tivéssemos autonomia, fizéssemos algo e procuramos logo publicar ou contar a alguém e para que? Para ouvir a opinião do outro, até mesmo para fracassar, o exemplo mesmo de um professor, que atualmente é desvalorizado, as vezes o professor é ótimo, competentíssimo, um profissional exemplar e aí vem o desinteresse das pessoas por essa profissão, vem a geração dos computadores, vem a mídia e desvaloriza tudo aquilo que é importante para o professor e o que acontece? O professor adoece, e por quê? Porque o outro não lhe deu o que ele queria, o outro não soube dizer a ele o que ele queria ouvir, o outro não disse a ele que ele era bom para ele acreditar em si. É bem complicado mesmo.
(Professor P)

Segundo a professora E, sua escolha pelo magistério foi devido a falta de opção de curso em sua cidade. Mas conta que gosta muito da sua profissão, pois se sente feliz ao saber que através do seu conhecimento pode contribuir para o crescimento pessoal e profissional de uma pessoa. Relata que o que mais a incomoda atualmente em seu ambiente de trabalho é a falta de união entre os profissionais da educação. *Acho que os professores deveriam se unir mais sabe, fica cada um de um lado, com ideias e pensamentos que não dividem com os outros (...) nem parece que somos um grupo, uma equipe* (Professora E). As dificuldades relatadas pela professora E e pelo professor P sobre a profissão de professor não se diferem das relatadas pelos dois professores que adoeceram. Eles falam sobre a falta de valorização do profissional, do baixo salário, da indisciplina dos alunos e da falta de investimento na escola, e também alegam que tudo isso gera tristeza, mas não se sentem culpados por isso, pois dizem que fazem o melhor que podem. O professor P diz que atualmente a sociedade é do consumismo, do imediatismo, da conquista sem esforço, do banal, e isso ajuda na desvalorização de sua

profissão, que tem como objetivo o conhecimento em longo prazo, o esforço e a dedicação.

As pessoas não querem mais lutar para conseguir, isso é coisa do passado. Hoje é conseguir ou conseguir, na marra, imediato, no agora, é como se o tempo a longo prazo não existisse mais, é tudo no presente momento, é o exagero do presente, do agora como se não houvesse mesmo o amanhã. Essa desvalorização e falta de respeito ao professor é sim uma grande dificuldade atualmente, e conseqüentemente o salário é horrível, pois uma profissão desvalorizada socialmente também terá o salário desvalorizado, óbvio, e quando lutamos pelos nossos direitos, por uma qualidade de vida melhor ou para ter o respeito que perdemos, as pessoas ainda reclamam, dizem que prejudicamos os alunos com as greves, nós prejudicamos? Nós ou o governo? As pessoas estão presas a pensamentos maquinários, da mídia, não veem a base do problema, julgam pelo superficial, não procuram saber o motivo das coisas em si, apenas julgam pelo óbvio demais. (Professor P)

Segundo a professora E, os jovens vivem de identificações, querem sempre pertencer a um grupo, geralmente o mais popular, para não se sentirem sozinhos e vazios de si mesmos. E quem está fora desse grupo é sempre excluído e sofre alguns preconceitos. Assim relata que talvez a indisciplina dos alunos, que tanto incomoda os professores e os impede de dar suas aulas, esteja relacionada a essas identificações, que estão em constante transformação. Atualmente, prestar atenção no professor, ser um aluno disciplinado em uma escola pública, talvez seja motivo de chacota para o grupo dominante, e isso tudo não tem nada a ver com a incompetência do professor, afirma a professora E.

Acho que os jovens tem muito medo de ficarem sozinhos, de não serem nada, de não saberem se encontrar, nessa fase eles ficam perdidos, já não são mais crianças, mas também não são adultos, não tem o direito de adultos, eles precisam de algo que cubram esse vazio, então se identificam com alguém, com uma ideologia, um grupo e passam a ser alguém (...) então se para eles ouvir o professor é hoje ridículo, não há santa que os faça achar que não é, eles precisam provar entre si que fazem parte desse grupo. Percebo isso em sala de aula, um aluno dedicado que presta atenção na aula, porque esses alunos existem sim, mas o que acontece com eles diante da visão dos outros jovens? Ele é motivo de chacota também “Olha lá o CDF, o puxa saco da professora” chegam até a discrimina-lo, as meninas, falando na linguagem jovem, não ficam com esses alunos, raramente eles tem amigos, entre outras coisas, os jovens que não fazem parte do grupo atual, do grupo padrão pagam um preço muito alto! Acho que a mudança também tinha que partir daí, os professores já fazem o máximo que podem, claro que mudanças sempre devem ocorrer, não estou dizendo que somos perfeitos (...) mas acho que não somos culpados por isso. (Professora E)

A professora E diz que é a favor da punição quando necessário e que os alunos precisam de leis. Conta que as vezes somente através de uma atitude mais rígida é que eles prestam atenção e focam na aula, e que isso não a deixa chateada ou se sentindo culpada. A professora E acha que este é o seu dever de professora e isso faz parte do seu contexto de trabalho. Fala que já sofreu agressões verbais, mas que não as leva para o lado pessoal. *Tento não levar os insultos para o lado pessoal (...) quando estou muito estressada saio da sala um pouco, vou até a sala dos professores tomo um copo de água, respiro fundo, volto e tento impor respeito* (Professora E). A professora E e o professor P concordam que todas essas dificuldades fazem parte de suas atividades diárias e não é algo que prejudica o trabalho de professor, mas é algo que está incluso na forma de agir e de desenvolver essa profissão. De acordo com Clot (2010), *O sujeito da atividade não é um sistema de tratamento de informações, mas o núcleo de contradições vitais as quais ele procura dar uma significação* (CLOT, 2010, p.101).

Em sala de aula, nas observações feitas, o professor P pede silêncio e inicia a chamada dizendo: *quem não responder a chamada vai ficar com falta e pronto* (Professor P). Cumprindo sua promessa o professor P faz a chamada sem repetir nenhum nome. Logo após inicia a matéria, e para que os alunos parem de conversar, o professor P passa de carteira em carteira fazendo

perguntas aos alunos, que então ficam em silêncio tentando responder as questões.

Já a professora E, fala que uma das formas de manter a sala em silêncio é passar um exercício surpresa valendo nota. Ela então entra na sala de aula, pede silêncio com autoridade na voz, mas alguns alunos não dão atenção, alguns até dizendo que ela é a professora mais chata. Mesmo assim ela continua a aula, passa de carteira em carteira olhando os exercícios pedidos como dever de casa na aula passada e assim que termina escolhe a dedo quem fará a correção no quadro. Os alunos ficam em silêncio com receio de serem escolhidos, mas depois de algum tempo a conversa volta e então a professora C passa um exercício surpresa valendo nota e a sala fica em silêncio.

Segundo Clot (2010), *se a saúde encontra sua origem na preservação do que o sujeito se tornou, ela descobre seus recursos naquilo que ele poderia ter sido* (CLOT, 2010, p. 111). De acordo com Canguilhem (1983) apud Clot (2010), *a vida está habitualmente aquém das possibilidades; mas, quando necessário, ela se mostra superior a sua capacidade esperada* (CLOT, 2010, p. 111). Para Canguilhem apud Clot (2010), a vida é uma atividade que se põe a prova, é uma subjetividade, que antes de qualquer coisa é uma insatisfação. *O mesmo ocorre com a saúde. É essa a razão – a motricidade da insatisfação – que nos leva a privilegiar a saúde em relação à normalidade* (Clot, 2010, P. 112).

Pode-se perceber que houve diferenças na forma de atuação e de subjetivação dos professores que adoeceram em relação aos que não adoeceram na escola AC. O professor M e a professora C sentiram-se fracassados em sua profissão, impedidos de agir e desenvolver suas atividades profissionais, o que gerou um vazio, uma falta de sentido vital que levou ao adoecimento mental. Segundo Tosquelles apud Clot (2010), o trabalho faz surgir conflitos, o que fornece a oportunidade de uma manifestação socializada que contribui para a evolução, a superação e as mudanças de planos em que tais conflitos podem enraizar-se e manifestar-se. *Falando do trabalho como um processo de humanização do homem que se articula na atividade humana e se manifesta como fracasso na doença mental* (CLOT, 2010, p.77).

Segundo Clot (2010), o trabalho perde sua função psíquica quando deixa de ser, enquanto atividade concreta, uma fonte de alteridade, um núcleo de iniciativa e de criatividade. Freud (1999) apud Clot (2010) diz que o indivíduo deve dedicar-se a relevante tarefa de desprender-se dos pais, pois é unicamente a resolução dessa tarefa que lhe permite deixar de ser uma criança submetida a transferência, para tornar-se um membro da comunidade social. *A função psicológica do trabalho poderia consistir, então, em apoiar o indivíduo na realização dessa tarefa de separação, implicando-o em uma história que, por não se restringir a sua, lhe fornece a possibilidade de fazer “algo” de sua vida* (CLOT, 2010, p.80).

O professor P e a professora E, enfrentam as mesmas dificuldades, se angustiam com tais acontecimentos, mas não entendem que isso seja um rompimento com suas atividades profissionais. Interpretam que tudo faz parte das atividades desenvolvidas pelos professores, e não se culpam por tal situação, apenas acham que é um momento histórico cultural de desvalorização dos profissionais da educação. Portanto há opostamente duas percepções introjetadas pelos professores sobre o mesmo contexto e que influem também na forma de agir e sentir de cada um deles.

7. Considerações finais

O termo trabalho passou por vários estigmas e significados ao decorrer de sua trajetória, acarretando em transformações na sociedade contemporânea. Atualmente pode-se perceber a exacerbação do consumismo, do imediatismo, da incessante valorização do lucro, do valor de troca, e a desrealização humanitária dos trabalhadores. A escola municipal AC não se esquivou desses fatores e apesar de ser uma escola pública, tem fortes características da pós-modernidade. Dentro deste contexto escolar atual encontram-se quatro professores que desempenham suas atividades profissionais diariamente, criando técnicas, refazendo conceitos, reciclando conhecimentos passados, tentando lidar com o novo a cada dia, construindo dentro de uma nova visão de mundo o que é ser professor.

No decorrer da pesquisa foram-se entrelaçando os dados fornecidos pelos professores e as observações feitas com as referências teóricas utilizadas. O intuito foi reconhecer e analisar dentro de um comparativo quais eram os fatores predominantes que levaram alguns professores da escola AC ao adoecimento mental, e por qual motivo os outros professores que estavam neste mesmo contexto não adoeceram.

Todos os quatro professores pesquisados concordaram que a escola contemporânea está passando por uma crise, uma desvalorização social que influencia na profissão do professor e conseqüentemente afeta o lado pessoal e emocional do profissional, que antes de tudo é também um ser humano. O que diferencia os discursos desses quatro professores é a maneira como cada um interpreta e subjetiva essa situação. Os professores que adoeceram no atual contexto, professor M e professora C, descrevem um desejo desde a infância pela profissão de professor, respeitando-a e criando para si valores pessoais associados a ela. Estes valores tão arraigados a sua autoestima geraram frustrações ao deparar-se com a realidade, uma realidade que sofreu modificações com o tempo, que se transformou e que fugiu as regras esperadas e previstas na profissão de professor. Estes professores então se sentiram angustiados na impossibilidade de agir, sentindo-se bloqueados pelos fatores atuais predominantes, o que fez surgir um ressentimento por si ou mesmo pela fantasia que criaram de si. A impossibilidade de agir está presente

sim em cada atitude destes profissionais. Os professores que não adoeceram, professor P e professora E, também relataram amor pela profissão, mas não um desejo tão aprofundado desde a infância. O professor P optou pela profissão porque era a área de maior empregabilidade em seu curso superior, e a professora E fez essa escolha pela falta de opção em sua cidade. Mas com o tempo foram construindo em si um carinho especial por ser professor. Diferentemente dos professores que adoeceram estes profissionais não associam as dificuldades atuais, como o desinteresse dos alunos, a uma impotência profissional; não se culpam por isso. Não acreditam que as transformações ocorridas socialmente em relação a visão das pessoas sobre a escola tenha ligação com o fracasso de desenvolver suas atividades profissionais. Os professores que não adoeceram resignificaram o contexto atual ao subjetiva-lo, criando possibilidades de atuação e não impossibilidade de agir. Um mesmo contexto, duas maneiras de interpretação do mesmo fato, conseqüentemente duas maneiras de agir sobre este mesmo fato. A forma como estes professores subjetivaram o exterior através do interior provocou comportamentos, ações e reações diferenciadas, cada qual com sua visão e consequência diante do atual contexto da escola contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANTUNES, Ricardo L. C. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
2. BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2007. p. 265-269
3. CLOT, Yves; *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
4. FERREIRA, N. S. C. *Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na "cultura globalizada"*. In: *Educação e Sociedade*. Campinas. Vol. 25, n. 89, set/dez, 2004.
5. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
6. FREUD, Sigmund. (1927) O Futuro de uma Ilusão. In: ____ *O Futuro de uma Ilusão, o Mal - Estar na Civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21). p. 17 - 20
7. HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Thompson, 2005.
8. SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do "breve século XIX" brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 9-32.
9. SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-151
10. STRAUSS, Anselm L; CORBIN, Juliet M. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 24 -27